

AS ESTAÇÕES DO ANO E SUA CONCEPÇÃO NA LITERATURA JAPONESA¹

Hideichi Fukuda

I

Os japoneses nutrem um profundo interesse pelas quatro estações do ano e pelas condições climáticas, ao lado de uma aguda sensibilidade por suas mutações, sensibilidade essa que se manifesta em vários aspectos de sua vida cotidiana. É comum os cumprimentos se iniciarem com alguma referência ao tempo como, por exemplo, “Que calor tem feito ultimamente!” ou então, “Quanta falta de chuva nesses últimos dias!” O mesmo ocorre com as cartas que podem ser introduzidas por “Apesar de todos esses dias de calor, espero que tudo esteja bem com você” E, em casos de maior formalidade, por “Nesta época de forte calor, estimo que sua vida esteja transcorrendo com muita saúde e prosperidade”. Sem falar da arte de arranjos florais, naturalmente, consta que mesmo na cerimônia do chá (da qual não sou um profundo conhecedor), conforme as estações do ano mudam não só os arranjos florais e os quadros em rolo expostos no recinto, bem como os utensílios e o estilo empregados. Registro em contos, ensaios, pinturas em rolo ou em biombos têm mostrado que a aristocracia da época Heian (séculos IX-XII) e, a partir da época Edo (séculos XVII-XIX), mesmo a plebe se vestia em harmonia com as estações ou participavam das festividades anuais próprias de cada estação tais como os *sekku* (as cinco festas sazonais tradicionais do Japão),

1. O presente artigo se baseia na palestra por mim proferida na UNESP – *campus* de Assis, no dia 28 de novembro de 1994. Na oportunidade, contei com a preciosa colaboração da Prof^a Eliza Atsuko Tashiro que fez a tradução da palestra que, por problemas de exigüidade de tempo, acabou sofrendo alguns cortes, e da Prof^a Cecília Kimie Jyo, que ilustrou com fotos e cartazes as imagens das estações do ano do Japão, o que, acredito, tenha auxiliado a compreensão do público.

os festivais de santuários, a festa búdica dos Mortos (*obon*), ou ainda, as cerimônias de apreciação de cerejeiras, da lua-cheia de outono, de folhas outonais.

Uma primeira razão para o aparecimento dessa sensibilidade entre os japoneses reside no fato de que o Japão se localiza na zona temperada, com uma clara distinção entre as quatro estações, uma rica variedade em mudanças climáticas cujos sinais se manifestam em expressões tais como *gofûujûu* (literalmente “vento cinco, chuva dez”) que significa “ventar a cada cinco dias, chover a cada dez” isto é, ter uma boa condição climática sem ventos nem chuvas excessivas; *sankashion* (frio três, calor quatro) isto é, começar a primavera após três dias seguidos de frio e quatro de calor.

Antigamente, havia nas escolas primárias um exercício de caligrafia a pincel que dizia: “Terra do verão perene, ilhas dos Mares do Sul”. Ainda hoje, os japoneses atribuem o nome de Ilha do Verão Perene para o Havaí pois, para eles, verão perene é um fenômeno raro e incomum, inexistente em seu país.

O discurso proferido por Kawabata Yasunari ao receber o Prêmio Nobel de Literatura foi publicado pela Kôdansha, com o título de *Utsukushii Nihonno Watakushi* (*Japan, the Beautiful and Myself*, na tradução de E. Seidensticker). Na introdução, apresenta o seguinte poema, comumente atribuído ao monge zen Dôgen (o introdutor da seita sôdô, da China, no século XIII) mas, na realidade, da autoria de um poeta posterior.

Na primavera, a cerejeira
no verão, o cuco
no outono, a lua
no inverno, a neve fria,
purifica-se a alma

(Na primavera, são lindas as cerejeiras; no verão, o canto do cuco enebria o coração; no outono, a lua encanta os olhos; no inverno, com o frio da neve, sinto a alma purificada.)

O poema expressa de forma concisa os encantos de cada estação do ano, bem ao gosto dos japoneses.

Uma outra razão para essa sensibilidade dos japoneses é o fato de o Japão ter sido, desde há muito, um país eminentemente agrícola, assolado por um número relativamente elevado de intempéries tais como secas, verões frios, vendavais, temporais, nevascas, que trazem prejuízos não só à produção, principalmente do arroz, como também à população que enfrenta problemas de alta densidade demográfica.

Gostaria, pois, de expor como a literatura japonesa registra, desde sua antiguidade, a maneira como os japoneses apreendem, dentro desse seu modo de pensar, as estações do ano e suas mutações.

II

É difícil precisar quando os japoneses tomaram consciência da existência de ciclos sazonais mas, ao menos nos fins da era Jômon (a partir do século IV a.C.), já

se praticava a agricultura e provavelmente as estações influenciavam a vida de seu povo. No entanto, não é difícil supor que mesmo antes, na época da caça e da pesca, os japoneses tenham notado as mutações climáticas nas alternâncias entre o calor e o frio, entre noites e dias longos, nas formas de aparecimento dos animais e dos peixes.

A antologia poética *Man'yôshû*, compilada na segunda metade do século VIII, distribui e classifica os poemas de formas diferentes por seus capítulos mas em alguns destes, como o X e o XX, os poemas são distribuídos pelas quatro estações, de acordo com seu tema ou conteúdo. Essa tradição de classificação dos poemas que tratam da natureza e da emoção por ela gerada – isto é, que não têm como tema o amor, a tristeza pela perda de um ente amado, ou ainda, as impressões colhidas em viagens – consolida-se por volta do início do século X com a antologia poética *Kokinshû*, para se tornar o modelo de classificação e de composição de obras literárias japonesas, notadamente da poesia. É o que ocorre com os versos encadeados (*renga*) da época medieval japonesa (do século XIII ao XVI, abrangendo as eras Kamakura, Nanbokuchô e Muromachi) e com os haicais da época Edo (séculos XVII-XIX), sendo seu testemunho maior a existência, mesmo nos dias atuais, de diversos glossários de termos sazonais (*saijiki*) que não só arrolam os termos sazonais (*kigo*), como também explicam seu uso para aqueles que apreciam e compõem haicais.

Ainda por volta dos séculos VII e VIII, durante as eras Asuka e Nara, começam também as discussões literárias sobre a excelência maior da primavera ou do outono, que se desenvolviam nos salões em torno de comparações entre as qualidades das duas estações. Encontram-se registros de tais disputas no Capítulo II do *Kojiki* (*Registro de Coisas Antigas*) e no Capítulo I do citado *Man'yôshû*, bem como em obras de subsequente época Heian (séculos IX-XII).

São desta época as obras que descrevem as qualidades próprias de cada estação, que falam da sensibilidade dos japoneses com relação a cada uma delas, como por exemplo, a introdução de *Makuranosôshi* (*Leituras ao Travesseiro*) que começa com o famoso *Haruwa akebono* (“Na primavera, o amanhecer” – texto I)². A mesma concepção das estações do ano é herdada pelo *Tsurezuregusa* (*Passatempos ao Sabor do Pincel*), do século XVI, com um enfoque, porém, no encanto que emana das mutações sazonais (capítulo 19 – texto II) ou do dinamismo de tais mutações (capítulo 155 – texto III).

Quando os contos começam a se desenvolver, a progressão das estações do ano e sua apreciação passam a constituir temas ou enredos, com um perfeito entrelaçamento entre os fatos e o pano de fundo, tendo como eixo as estações. Assim, por exemplo, *Isemonogatari* (*Contos de Ise*), provavelmente da primeira metade do século X, descreve cenas vistosas e joviais de apreciação das cerejeiras, fala da visita ao amo que, depois de ter se retirado da vida política, vive triste e isolado numa região das neves.

2. Os textos de literatura japonesa, distribuídos durante a palestra, serão apresentados em anexo, no final do artigo. (N. da T.)

Essa preocupação em relacionar os acontecimentos e o enredo com as estações é particularmente marcante em *Contos de Genji* (aproximadamente do ano 1000). Assim, os capítulos “Festival das Folhas Outonais” e “Festa das Flores” tratam da juventude fulgurante dos então amigos inseparáveis, Hikaru Genji e Tôno Chûjo; no capítulo sobre a vida que o protagonista Genji, durante pouco mais de um ano, passa recatadamente em Suma, sua partida da capital tem lugar no fim da primavera com a despedida desta estação sugerindo a saudade da cidade que deixa para trás, uma chuva intermitente cai sobre Suma logo após a chegada de Genji, em harmonia com seu sentimento de melancolia e a famosa passagem *Kokorozukushino aki* (“O outono que evoca a tristeza”) condiz perfeitamente com seu estado de espírito.

Cabe ainda menção ao “Quarteirão das quatro estações da mansão Rokujô”, perto do final do capítulo “Otome”. Esta passagem se refere às quatro alas que Genji mandou construir na suntuosa mansão Rokujô, por ele erguida depois de atingir a idade madura, onde idealiza os encantos de cada estação pela disposição de lagos, jardins, plantas (texto IV), da forma como segue:

- a sudeste, a ala da primavera, onde mora sua esposa Aoi-no Ue: com grande profusão de plantas da primavera entre as quais se misturam algumas poucas do outono;
- a nordeste, a ala do verão, onde mora a dama Hanachirusato: com bambus e árvores de grande porte para permitir a passagem do vento, misturados a plantas da primavera e do outono;
- a sudoeste, a mansão da dama Akikonomu (literalmente, Cultora do Outono): com aceráceas de cores vivas, cascatas com rochas dispostas para aumentar o som das quedas, idealizando um jardim de outono em pleno viço;
- a noroeste, a mansão de inverno da dama Akashi: com pinheiros junto às sebes para realçar a paisagem de neve, crisântemos para acolher o orvalho no início do inverno e, assim, enfeitar a paisagem.

III

É forte nos japoneses o desejo de se desfrutar os encantos das quatro estações em um único lugar. Nos contos da época Muromachi denominados *Otogizôshi* (alguns dão-lhes o nome de “romances da época medieval”), começam a surgir descrições dos “quatro cantos sazonais”, isto é, descrições irreais de um quadro em que as quatro estações vicejam concomitantemente nos quatro pontos cardeais de um palácio ou de uma mansão.

Cito o exemplo de *Urashima Tarô*, cuja lenda já consta do *Nihonshoki* (*Crônicas do Japão*) e do citado *Man'yôshû*, ambos do século VIII, com enredo muito semelhante ao desses *otogizôshi* e diferente da versão apresentada em livros infantis e didáticos posteriores à era Meiji (1868-1924) que considera a tartaruga e a princesa como seres distintos, ou seja, o servo e a ama respectivamente, modificando bastante

o tema central original que trata do casamento entre um ser humano (o pescador) e um animal (a tartaruga que toma a forma de princesa dos mares). Depois de consumada a união entre Urashima e a princesa, ou seja, a tartaruga, esta lhe apresenta o Palácio dos Dragões dizendo: “Este é o Palácio dos Dragões, onde há plantas das quatro estações em seus quatro pontos cardeais. Entre, quero lhe apresentar” Segue-se-lhe a seguinte descrição, idealizada e não real como há pouco me referi, escrita em prosa mas em cadência de 7 e 5 sílabas:

Abrindo a porta do lado leste, descortina-se uma paisagem primaveril com as ameixeiras e as cerejeiras em flor, os galhos do salgueiro batidos pelo vento da primavera, o canto dos rouxinóis a ressoar próximo, em meio à bruma, e flores se abrindo em todos os galhos. Ao sul, com ares de jardim de verão, desutusias pareciam ter inicialmente se florido nas sebes da divisa com o jardim da primavera, as flores de lótus se enchiam de orvalho e, nos ribeirinhos, nadavam algumas aves aquáticas. As árvores estavam densamente copadas, cantos de cigarras enchiam o céu e, por entre as nuvens passada a tempestade, cucos cantavam anunciando o verão. A oeste, parecia ser um jardim de outono, com árvores de copas amareladas. Ah, crisântemos brancos atrás das cercas!, só pode ser outono por causa do choro triste das corças que, dos campos cobertos de névoa, se faz ouvir cortando os galhos das lesperezas. Voltando os olhos para o norte, só podia ser um jardim de inverno com seus galhos secos. Ah, primeira geada sobre as folhas mortas! Sabe-se que é inverno pelas fumaças que, elevando-se timidamente à entrada do vale coberto de nuvens brancas, denunciam o reles trabalho dos carvoeiros nas montanhas.

Tais descrições aparecem em cerca de vinte das trezentas a quatrocentas histórias atualmente existentes do *Otogizôshi*, prova de o quanto eram do agrado dos leitores da época.

IV

Voltando para as obras como os *Contos de Genji*, com enredo e descrições um pouco mais realistas, a técnica de se relacionar os acontecimentos e estados psicológicos de personagens com as estações sazonais que lhes servem de fundo foi frequentemente utilizada mesmo em obras posteriores à época medieval japonesa tais como contos, narrativas, dramas.

Em *Contos de Heike*³, por exemplo, o clã Heike foge da capital no outono do ano 2 da era Juei (1183). No outono, as folhas caem, o frio aumenta e é uma estação tristonha. Associado a este fato, Takayama Chogyû, escritor da era Meiji, assim inicia a obra *Takiguchi Nyûdô (O Monge Takiguchi)*, um romance histórico ambientado na época da disputa entre os clãs Heike e Genji, que trata do amor trágico entre o samurai Takiguchi e a dama da corte Yokobue: “A alegria da primavera da era Jishô (1177-1181) jamais poderia prever a tristeza do outono da era Juei (1182-1184)”

É famosa a peça *Myôdono Hikyaku (O Mensageiro do Inferno)* de Chikamatsu Monzaemon (início do século XVIII), sendo ainda hoje muito encenada no *bunraku*

3. Obra sobre a ascensão e queda do clã Heike, compilada por volta do século XIV a partir de narrativas orais cantadas pelos monges cegos e andarilhos, ao som do alaúde. (N. da T.)

e no *kabuki* (na realidade, hoje é mais freqüentemente apresentada a versão de meados da época Edo, intitulada *Koibikyaku Yamato Orai*, com enredo muito próximo ao do original). Na cena denominada *Ninokuchimura* (*Aldeia Ninokuchi*), o mensageiro Chûbei está sendo perseguido pela polícia por desviar dinheiro público e foge com a prostituta Umekawa, a causa do crime, para sua aldeia natal Ninokuchi, em meio à neve. Vê seu pai à distância, sem poder se apresentar dada sua condição de fugitivo da justiça. Eis que arrebenta o cordão do *geta* de seu pai e Umekawa corre para consertá-lo. O pai, que sabe de tudo mas finge não saber, diz: “Não sei quem você é, mas é como se fosse a mulher de meu filho”, provocando lágrimas no público. A neve branca que cobre o chão e que continua ainda a cair é, a meu ver, bastante eficaz como pano de fundo para o sofrimento de Chûbei e a beleza pura do coração de Umekawa.

Nagai Kafû tece algumas considerações sobre a literatura Meiji em seu ensaio intitulado *Satono Konjaku* (*A Terra Natal de Todos os Tempos*), escrito em 1934, onde se refere a vários autores. Sobre a obra *Imado Shinjû* (*Duplo Suicídio de Imado*), de Hirotsu Ryûrô, diz que o autor “escolheu a época mais apropriada (fim de ano) para falar dos costumes do bairro de Yoshiwara⁴ e do suicídio amoroso”; considera que Higuchi Ichiyô, em seu conto *Takakurabe*, “acrescentou um sabor especial à obra estabelecendo o tempo no início do outono, quando eclode o último calor de verão”, e ainda, que considera “a mais hábil técnica a escolha de uma noite de neve” feita por Izumi Kyôka, em *Chûmonchô* (*Livro de Advertência*) que trata do assassinato cometido, em virtude da maldição da navalha, pela filha de um proprietário de uma casa de prostituição.

Naturalmente não são poucas as obras que não levam em conta as mutações sazonais como, por exemplo, o famoso *Botchan*, de Natsume Sôseki. No entanto, *Sa-sameyuki* (*As Irmãs Makioka*) de Tanizaki Jun'ichiro e *Koto* (*A Velha Capital*) de Kawabata Yasunari inserem várias festividades tradicionais e próprias do Japão, tais como a apreciação das cerejeiras, da lua de outono, do sino da véspera do Ano Novo, a caça aos pirilampos que, por sua vez, são realizadas em louvor às estações do ano. Nem sempre essas festas são apresentadas intrinsecamente relacionadas aos estados psicológicos de suas personagens, tal como me referi anteriormente, mas é inegável que sua beleza constitui um dos pontos altos dessas obras.

A vida e a percepção dos japoneses que são sensíveis às mutações sazonais, que amam os encantos de cada estação do ano e as exploram nas festividades anuais, assim se manifestam em cada fase da literatura japonesa.

ANEXOS

Introdução de Makuranosôshi

Na primavera, o amanhecer. É encantador quando os contornos das montanhas, aos poucos se esbranquiçando, vão se tornando nítidos e nuvens róseas correm finas pelo céu.

4. Bairro de prostituição, oficialmente instituído em 1617, na antiga capital Edo.

No verão, a noite. Naturalmente, são belas as noites enluaradas mas, mesmo escuras, têm seu encanto com os vagalumes a voar entrecruzados. Até as noites de chuva são agradáveis.

No outono, o entardecer. Os corvos voltam a seus ninhos quando o sol poente, fulgurante, se aproxima da linha do horizonte e é lindo vê-los a voar em grupos de três, de quatro, de dois. O que não dizer, então, dos gansos selvagens que voam em fila, minúsculos à distância? É também encantador o som do vento e o canto dos insetos depois de posto o sol.

No inverno, de manhã cedo. Nem é preciso falar das manhãs de neve. Avivar a brasa rapidamente e atravessar os corredores distribuindo-as pelos aposentos, quando a geada cobre de branco o chão ou, na falta desta, quando faz muito frio, é algo muito condizente à estação. É deplorável quando o dia vai avançando, o frio se amainando e a brasa dos fogareiros vai se transformando em cinzas.

II. Tsurezuregusa, *cap. 19*

As mutações sazonais têm um sabor especial. É bem verdade que, como todos dizem, “a profundidade das coisas (*mononoaware*) é melhor sentida no outono” mas é a paisagem primaveril o que mais enleva o coração. A primavera vai aos poucos se firmando a partir da época em que o canto dos pássaros se torna particularmente radioso e as ervas das sebes começam a brotar sob o sol tépido. Tudo se cobre de brumas e, justamente quando as flores de cerejeiras estão prestes a desabrochar, chegam o vento e a chuva derrubando-as violentamente ao chão. Até as folhas verdejarem, tudo à nossa volta é só tristeza a nos ferir o coração. As flores de laranjeira são conhecidas por nos fazerem recordar o passado, mas é o aroma das flores de ameixeira que nos transporta aos velhos tempos saudosos. Roseiras em flor, glicínias em diáfanos cachos – são muitas as coisas pelas quais não podemos passar indiferentes.

Concordo com o que disse alguém, um dia: “Sentem-se mais profundamente os encantos do mundo, a saudade das pessoas à época da Festa da Consagração ao Buda e do Festival de Kamo, quando as folhas tenras cobrem as copas das árvores” Como não sentir melancolia no quinto mês, quando se revestem os telhados com palhas de íris, quando se separam as mudas para o plantio do arroz, as galinholas / os mergulhões soltam seus gritos semelhantes a batidas na porta? Assim como é encantador no sexto mês queimar incensos contra pernilongos, em casas modestas ornadas com flores brancas de cabaça, também são interessantes os ritos de purificação realizados nessa época.

É realmente magnífica a Festa de Tanabata, comemorada no sétimo dia do sétimo mês. Quando as noites começam a ficar mais frias, os gansos selvagens chegam grasnando, as folhas de lespedeza começam a amarelar, o arroz é colhido – são muitas as coisas que acontecem ao mesmo tempo, principalmente no outono. É também encantadora a manhã em que sopra o forte vento prenunciando o inverno.

A continuar com minhas divagações, tudo terá sido já referido, de uma forma ou de outra, em obras antigas como *Os Contos de Genji* ou *Makuranosôshi (Leituras ao Travesseiro)*, mas nem por isso vou deixar de fazê-lo novamente. Deixar de dizer o que se tem no coração não faz bem ao corpo, de modo que vou discorrer à mercê do correr do pincel minhas modestas considerações, descartáveis à medida que forem sendo tecidas e, portanto, sem mérito algum para que outros se dêem ao trabalho de lê-las.

Para mim, uma paisagem de árvores nuas, no inverno, em nada perde para o outono. Há um toque de encanto nos vapores que se elevam dos canais, durante as manhãs em que a bruma cobre de branco as folhas mortas que repousam sobre a relva à beira do lago. É profundamente emocionante ver as pessoas se moverem apressadas com os preparativos de fim

de ano. Triste é o céu depois do vigésimo dia, com a lua brilhando sem mais ninguém para apreciá-la. São muito tocantes e venerandas as cerimônias de invocação ao Buda e da oferenda do primeiro arroz nos túmulos da família imperial, realizadas no Palácio. São maravilhosas as cenas dos preparativos na Corte para a recepção ao Ano Novo. É emocionante a cerimônia de expulsão dos demônios realizada no último dia do ano, seguida da purificação dos Pontos Cardiais, comemorada no dia seguinte. Melancólicas são as ressonâncias do ano que se finda, repercutidas no silêncio que, ao amanhecer, vai substituindo o grande alarde com que as pessoas percorrem as casas de porta em porta, à luz de enormes tochas a iluminar a última escuridão do ano. É interessante notar que, nos últimos tempos, o velho costume de se cultuar os mortos que, segundo consta, retornam à terra nesta noite, já não se realiza mais em Kyoto embora continue sendo-o na região de Kanto.

E o céu do dia que assim vai amanhecendo em nada difere de ontem, mas deixa-nos a impressão de que é totalmente outro. Tem seu encanto a radiosa alegria que reina nas ruas ornadas com seus arranjos de pinheiros.

III. Tsurezuregusa, *cap. 155*

O verão não chega ao findar a primavera, nem o outono depois de passado o verão. Tudo é primavera mas esta carrega em seu bojo os prenúncios do verão, assim como os sinais do outono se fazem sentir já desde o verão, o outono em seu esplendor já se cobre de frio, bafejam os ares primaveris já no décimo mês lunar, verdejando as relvas e carregando as ameixeiras de botões. No desfolhamento das árvores, as velhas folhas não abandonam os galhos para ceder espaço aos brotos mas elas cedem à força dos brotos que por baixo as pressionam. Grande é a provisão dessa energia interna que rapidamente se faz a troca.

IV. Contos de Genji: “*O Quarteirão das Quatro Estações*”

No oitavo mês ficou pronta a mansão Rokujô e começaram as mudanças. O quarteirão a sudoeste, construído no local onde se erguia a antiga mansão da dama Akikonomu, foi a ela destinado. O quarteirão sudeste foi reservado para moradia do próprio Genji, decidindo-se que o quarteirão nordeste receberia a dama que atualmente mora a oeste da mansão Nijô e, no quarteirão noroeste, se acomodaria a dama Akashi. Lagos e morros inapropriadamente instalados foram transferidos de lugar, cursos d’água ou formatos de morros foram refeitos de acordo com o gosto de cada uma das moradoras desses quarteirões.

No quarteirão sudeste, foi erguida uma alta montanha, foram plantadas todas as espécies de plantas da primavera, foi construído um lago de belo formato e, no jardim da entrada, evitou-se carregá-lo com plantas apreciadas na primavera tais como a ameixeira, a cerejeira, a glícinia, a azaléia das rochas, distribuindo entre elas outras próprias do outono.

O quarteirão da dama Akikonomu aproveitou a montanha originalmente existente para lhe acrescentar árvores de bela folhagem outonal e criou uma primorosa paisagem de outono canalizando uma límpida água de fonte, dispondo rochas para realçar o som das águas dos canais e construindo uma cascata. E em harmonia com essa estação, relvas de outono vicejam em sua plenitude, criando um vasto campo outonal que nada deve em esplendor para os campos de Oi, em Saga.

O quarteirão nordeste, com sua fonte refrescante, foi concebido para realçar as árvores de copa densa no verão. No jardim da frente, foram plantados bambus de folhas miúdas para permitir a passagem do vento e árvores de copa alta se aconchegam em bosques numa composição à moda campesina, com flores de cânhamo arranjadas para se enlaçarem nas sebes.

Várias plantas que lembram o passado como a laranjeira, a cravínea, a rosa foram plantadas mescladas a flores da primavera e do outono. Em sua face leste, uma área foi reservada para a construção de um hipódromo, com cercas e íris no lago, para servir de pista para as corridas do quinto mês e fabulosos cavalos são criados em seus estábulos.

Na ala noroeste, fica o quarteirão dos depósitos construído dentro de cercados voltados para a face norte. Junto à cerca de sua divisa, foram plantados muitos pinheiros para se poder melhor apreciar a neve no inverno. Uma sebe de crisântemos para acolher o orvalho no início do inverno e tornar ainda mais belas suas manhãs, um carvalho que orgulhosamente expõe seu colorido, e ainda, algumas espécies vegetais das regiões montanhosas de nomes pouco conhecidos – para lá foram transpostas algumas plantas que tornam mais profundas as emoções.

Tradução de Tae Suzuki